

ANEXO B) - continuação

da vez de agosto, inspecionei esta classe. Notei nos alunos desassossegados, falta de ordem e de disciplina; os professores, aliás competentes e eficientes, mas com pouca observância do horário e nos aproveitamentos intelectuais do tempo não aproveitaram a programação da disciplina. Deixei em pessoa do diretor todas as instruções e para orientar a assumir a regência da classe no 2º dia da inspeção. Muito têm melhorado as condições desta classe. 24 e 25 alunos presentes nos 2 dias.

Classe masculina 2º ano.

Professora não titulada Antônia Costa. Alunos presentes nos 2 dias de inspeção 43 e 44. Com algumas lacunas aplicava regularmente o professor e o programa. Corrigi alguns defeitos na ministração do ensino e dei algumas aulas para guiar o professor e tornar a regência e o regime mais internos.

Classe masculina 3º ano.

Professora normalista Francisco Araújo. Vez de julho. Alunos presentes nos dias de inspeção 36 e 37. Notei muita indisciplina e desordem na classe e vi que o professor, sem dúvida competente, não aplicava os trabalhos escolares e modo simultâneo com aproveitamento para os alunos. Reorganizei e redefini a disciplina. Procurei corrigir os defeitos da classe.

Classe masculina 1º ano, aula noturna.

Professora normalista d. Bertholina da Santos. Durante 2 dias (24 e 25) estive presente nesta classe. Professora muito competente e com longa prática de ensino. Muito ordem e disciplina. Dei algumas lições para melhor orientar a classe. Alunos presentes 25 e 26.

Classe feminina, 2º ano.

Professora normalista d. Marcelista Campos. Alunos presentes nos 2 dias de inspeção 13 e 14. Notei nesta aula que o programa, mal assimilado e mal

-3-

aplicado, tomava quase todas as decisões para proporcionar os alunos, principalmente porque a coordenação dos trabalhos mecânicos da disciplina não estava bem definida. Chamei a atenção da docente para essas irregularidades e dei a maior parte das lições para corrigir seus defeitos.

Classe feminina, 1º ano.

Nos dias 2 e 4 estive na aula regida por d. Maria Carmelista Campos. Presença de 42 e 44 alunos. Horário e programação regularmente aplicados. Nesta classe dei também algumas lições para tornar mais eficaz a ministração técnica.

Classe feminina, 1º ano.

Professora normalista d. Maria Julieta Campos. Alunos presentes nos 2 dias de inspeção 40 e 45. Nesta classe o ensino é dado regularmente, mas, para a eficácia do ensino simultâneo e intuitivo, deixei algumas disciplinas do programa.

Classe feminina, 2º ano.

Professora d. Albina Maria Bastião, normalista. Durante 2 dias inspecionei esta classe. Presença de 28 e 32. No desenvolvimento de algumas matérias, observei que o trabalho mecânico de algumas matérias, classe substituiu o aprendizado intuitivo, prático e racional. Corrigi tais defeitos, deixando a cargo do lecionar a dando instruções e conselhos de professora.

Aula Técnica de artes e ofícios.

Professora desta aula resente-se da falta de material de trabalho. Funciona esta aula pela manhã e à tarde diurno. Os alunos recebem o ensino profissional por turnos e recebem as

primeiras instruções de carpintaria e de marcenaria. A oficina está mal instalada e carece de ferramentas e de outros utensílios. Os alunos em grande parte não recebem o ensino do mestre. Notei também falta de ordem e de disciplina nesta aula e para esse defeito chamei a atenção do diretor do Grupo.

Observações gerais

Com vista a. as. para trabalhos reservados, que junto com o conjunto do ensino docente de Uberaba é regular, com exceção de uma professora que tem mais de uma aptidão didática. Ainda há harmonia entre os professores. O diretor é competente e eficiente e com vontade de manter a boa ordem e disciplina no estabelecimento e com eficaz assistência técnica, pode-se ver tornar o Grupo um instituto de ensino modelo. O desenvolvimento dos alunos em quase todas as classes é satisfatório.

Nas aulas de trabalhos manuais e de costura notei que os trabalhos de fantasia têm a preferência das alunas e das famílias. Para esta situação, deixei chamar a atenção do diretor e dos professores.

Quando iniciamos a inspeção não estava regularmente observado, em seu conjunto, o regime interno dos grupos escolares.

Com vista a. as. é incompleta a manutenção dos grupos. Alguns utensílios, como cadeiras, contêineres, etc. poderão ser feitos, com economia para o Estado, na própria aula técnica.

A instrução militar é dada diariamente, por turnos, em algumas das aulas de trabalho físico.

O ensino dos exercícios físicos não foi ainda iniciado.

ANEXO B) – última parte

do.

Os hymnos escolares são geralmente bem executados. A caixa escolar, que tem presentemente um saldo de 325 \$, vai preenchendo os fins de uma instituição.

Até o dia 20 do corrente mez, occupei-me com a inspecção do Grupo, inspecção que não podia deixar de ser minuciosa, porque era mister fazer-lhe entrar na phase de uma organização definitiva.

Uberaba, 20 de outubro de 1910

Ernesto C. Santiago, Inspector Técnico ...

Fonte: APM SI. 3346

ANEXO C) – Lei Municipal, n. 202 de 22 de abril de 1907

 CÂMARA MUNICIPAL DE UBERABA
ESTADO DE MINAS GERAIS
EXPEDIENTE DA SECRETARIA

LEI Nº 202 DE 2 DE ABRIL DE 1907. (cópia)

AUTORIZA O AGENTE EXECUTIVO MUNICIPAL A CONSTRUIR UM PREDIO DESTINADO AO GRUPO ESCOLAR E OFFERECER AO GOVERNO DO ESTADO O PROPRIO ONDE FUNCIONOU O INSTITUTO ZOOTECNICO PARA UMA ESCOLA MODELO

O povo do município de Uberaba, por seus vereadores, votou, e eu, em seu nome, sanciono a seguinte lei:

Art. I - Fica o Agente Executivo autorizado a por em hasta publica a construção de um predio para funcionamento do Grupo Escolar, que será edificado no centro da praça Comendador Quintino e a qual, após a construção, será arborizada por conta da verba Obras Publicas e sob as condições seguintes:

- 1) - Será, em tudo, mantido e respeitado o plano geral para as obras de construção adoptado pelo Governo do Estado, cuja planta, sob nº 3, servirá de base para a hasta publica depois do respectivo orçamento;
- 2) O edificio será coberto de telha formato francez, mas de produção nacional;
- 3) Será concedido o prazo de quatro mezes, no maximo, para o começo e conclusão da obra;
- 4) O pagamento será feito em tres prestações, vencíveis a 1ª e 31 de janeiro de 1908; a 2ª. a 31 de janeiro de 1909 e a 3ª. a 31 de janeiro de 1910; a 2ª. e a 3ª. prestações vencendo os juros de 8% ao anno, autorizando o Agente Executivo a emitir titulos de dívida relativos a importancia da obra.

§ Unico - Fica o Agente Executivo autorizado a laurar contracto com quem melhores vantagens offercer, impondo a multa de 1:000\$000 \$0r cada mez de atraso na construção da obra, salvo caso de força maior, manifestamente approvao, e bem assim autorizando a contractar profissional de sua confiança para fiscalizar obra durante sua construção.

Art. II - Fica o Agente Executivo autorizado a offercer ao Governo do Estado o predio onde funcionou o Instituto Zootecnico e mais entregar ao Governo do Estado a quantia de Rs. 3:000\$000 na 5a, no dito predio, ser montada uma fazenda modelo para ensino primario agricola, typo menor, de accordo com o plano do Governo

 CÂMARA MUNICIPAL DE UBERABA
ESTADO DE MINAS GERAIS
EXPEDIENTE DA SECRETARIA

Estadual, com relação ao ensino profissional e rural.

Art. III - Para occorrer ao pagamento da consignação de 3:000\$000 destinados a Fazenda-Modelo, fica o Agente Executivo autorizado a suspender, desde já, as duas escolas municipais urbanas applicando a dita consignação e saldo da verba votado para aquelle fim, e autorizando a inteirar o restante por conta da verba Obras Publicas.

Art. IV - Com a construção do predio para o Grupo Escolar o Agente Executivo fica autorizado a despendar até a quantia de trinta contos de reis.

Art. V - Revogam-se as disposições em contrario.

PAÇO DA CÂMARA MUNICIPAL DE UBERABA, 2 DE ABRIL DE 1907.
(e.) Manoel Terra - Presidente e Agente Executivo Municipal.
Publicada nestas Secretarias da Camara Municipal de Uberaba, aos dois dias do mez de abril de mil novecentos e sete.

O director da secretaria
(e.) Justino de Carvalho

Fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Uberaba

ANEXO D) – Lei Municipal n. 222, de 12 de maio de 1908



CÂMARA MUNICIPAL DE UBERABA
ESTADO DE MINAS GERAIS
EXPEDIENTE DA SECRETARIA

LEI Nº 222 DE 12 DE MAIO DE 1908

(cópia)

AUTORISA O AGENTE EXECUTIVO A CHAMAR CONCURRENTES PARA A CONSTRUÇÃO DO PREDIO DESTINADO AO FUNCIONAMENTO DO GRUPO ESCOLAR QUE O GOVERNO DO ESTADO PROJECTA CRIAR NESTA CIDADE

O povo do municipio de Uberaba, por seus vereadores, votou, e eu, em seu nome, promulgo e faço executar a seguinte lei:

Art. I - Fica o Agente Executivo autorizado a chamar concorrentes para a construção do predio destinado ao funcionamento do Grupo Escolar que o Governo do Estado projecta criar nesta cidade.

§ Unico - Servirá de base á hasta publica a planta e orçamento existente na Secretaria Municipal e organizados na Secretaria das Obras Publicas do Estado.

Art. II - Fica autorizado do Agente Executivo a adquirir o terreno necessario, caso não se prestem para a edificação os terrenos municipaes a seu juizo.

Art. III - As despesas com a construção e aquisição do terreno correrão por conta da verba das Obras Publicas.

PAÇO DA CAMARA MUNICIPAL DE UBERABA, 12 DE MAIO DE 1908.

(a.) M. Alves Caldeira Presidente e Agente Executivo Municipal
Publicada nesta secretaria em 12 de maio de 1908.

O amanuense da secretaria,
(a.) Odorico Candido da Silva

Fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Uberaba

ANEXO E) – Considerações gerais e orçamentos, sobre a construção dos grupos escolares, por José Dantas, encarregado dos prédios escolares, 1908

— 658 —

GRUPOS ESCOLARES

Os prédios construídos para o funcionamento dos grupos escolares dispõem das seguintes acomodações: salas de entrada, onde são collocados vestiários para guardar chapéus e capas das crianças; alpendres largos para facilitar as entradas independentes nas diversas salas; salas de aulas bastante espaçosas, iluminadas e bem ventiladas, sendo em numero e dimensões calculados á razão de 40 creanças em cada sala, e com um ambiente de mais de 5.m² 000 para cada menino; um vasto salão para recreio; gabinetes para directoria e professores; dependências para instalação de reservadas, e, finalmente, galpões para exercícios physicos e trabalhos manuaes.

Construção do prédio

Quando se trata da construção de um prédio para «grupo escolar», em uma localidade qualquer, a primeira questão a ser resolvida é a escolha do local para tal fim.

Essa questão se resolve, tendo-se em vista as considerações seguintes:

O terreno para a construção convém estar na parte mais central possível da localidade, ser mais ou menos alto, secco, afastado dos estabelecimentos industriaes que produzam ruído e omanem cheiros incommodos, distante dos centros de agglomeração de pessoas e activa circulação de vehiculos e vias ferreas, afastado pelo menos 200 metros dos cemiterios, e de 2,30 no minimo de outros edificios; a existencia de agua potavel canalizada e possibilidade de se fazer o assentamento de esgotos para o serviço sanitario, indispensavel nos prédios; o prédio não deve ficar em um ponto onde não haja ventilação e nem tão pouco ficar exposto á forte corrente dos ventos dominantes; a situação geographica mais conveniente para a construção é á da frente do edificio voltada para o nascente, de modo que a sua fachada principal não se exponha ao sol ardente do lado do poente, que deve castigar o pátio central e os fundos da casa; o espaço para os recreios deve ter uma área regularmente inclinada e sufficiente, calculada á razão de 5.m00 pelo menos para cada creança, sendo conveniente que essa área chegue para uma pequena cultura.

Abertas as calças para as fundações do edificio, devem ser bem socadas, depois de se ter previamente deixado correr nelle boa quantidade d'agua; si o terreno não for muito firme deve-se collocar no fundo dessas calças uma camada de cascalho de 0,30 de espessura, fazendo-o penetrar todo no solo com o socamento; no caso de apresentarse humidade nas calças de fundações, deve-se abandonar o local e procurar outro bem secco para a construção, não por faltar meios para nelle fazer-se a fundação, mas por conveniência sob o ponto de vista de hygiene.

As fundações devem ser feitas com alvenaria de pedras bem grandes, as maiores devendo occupar os cruzamentos das paredes, e argamassa de uma parte de cal e duas de areia expurgada de matérias terrosas ou vegetaes. Podese, no caso em que for difficil a obtenção de pedras de boa qualidade, fazer as fundações com concreto de uma parte de argamassa hydraulica (de cimento e areia) e tres partes de pedra britada.

No caso das fundações serem feitas com alvenaria commum, a sua espessura não deve ser inferior a 0,80; no caso de emprego do con-

— 659 —

creto, essa espessura pode ser reduzida a 0,50; a profundidade varia de 0,70 para mais, no primeiro caso e de 0,50 no segundo.

Os embasamentos dos prédios serão de alvenaria de pedras levantadas desde o nivel do solo até o do soalho, ou de tijolos requemados sobre alicerces de pedra de 0,25 acima do chão.

A altura do embasamento deve ser de 0,60 pelo menos. Em todos os embasamentos, externos e internos, serão deixados mezaninos ou oculos para permittir a franca ventilação em baixo do soalho.

As paredes exteriores deverão ter 0,40 de espessura e as internas 0,27, com uma altura de 5,00 medida do soalho ao forro, sendo fixadas essas dimensões, para o caso do emprego do tijolo. As paredes terão os seus cruzamentos arredondados.

O revestimento dos embasamentos e paredes será feito com argamassa bem forte de uma parte de cal e duas de areia pura, dando o das faces internas das paredes ser bem alizado para evitar interstícios onde se depositem poeira e pequenos insectos.

A argamassa usada para as fundações será composta de uma parte de cal e duas de areia sem terra, e a empregada na alvenaria das paredes poderá ser de uma parte de cal e tres de areia.

O chão das entradas, alpendres e reservadas será revestido com ladrilhos lisos, assentados sobre concreto bem batido, ou então revestido com uma camada de cimento bem lisa sobre leito bem preparado e nivelado, de tijolos requemados.

A coberta dos alpendres e reservadas, que será sustentada por columnas de madeira ou de ferro, poderá ser de telhas de zinco bem pregadas e pintadas a oleo nas duas faces, e não terá forro.

As salas serão assaladas com taboas estreitas de 0,10 a 0,15 de largura e forradas a saia e camisa de 0,20 a 0,22 de largura; na construção do forro a cimalha será collocada em nivel inferior ao da tabeira de 0,03, de modo a deixar um espaço para facilitar a renovação do ar nas salas. Em baixo do soalho das salas de aulas é conveniente depositar-se uma camada espessa de areia secca ou de carvão.

A disposição dos claros principais nas salas de aulas é a unifilatrada, havendo, porém, na face opposta a em que ficam collocadas as janellas, aberturas de 1,20 de largura por 0,70 de altura, em que serão assentados caixilhos envidraçados e girantes em torno do seu eixo vertical.

A ornamentação das fachadas principaes desses prédios, poderá ser composta de platibandas simples, elegantes e pouco luxuosas, ou, com mais vantagem, sem platibanda, com cimalthas e corniças, o telhado apresentando beirada corrida com consolos e calha emoldurada.

As portas e janellas deverão apresentar suas folhas partidas em quatro, de modo que, abertas, não occupem espaço nas salas e nem perturbem a passagem das creanças.

Os claros deverão ser amplos, tendo no minimo 1,20 de largura e 3,40 de altura para portas e 1,20 de largura e 2,40 de altura para as janellas.

Esses claros terão bandeiras de 0,70, girantes em torno do seu eixo vertical.

E' de toda conveniência, nas janellas lateraes, as vidraças de caixilhos de correr, a fim de se poder graduar a ventação, a entrada do ar nas salas.

As portas das reservadas terão em baixo e em cima um espaço de 0,20 de altura.

— 660 —

A divisão das diversas reservadas poderá ser de biombo de madeira, com uma altura de 2,00, e pintados a oleo.

Todo o madeiramento do prédio será embaldado de alcantilado nas partes em que tiver de ficar embutido em paredes e no chão.

A pintura interna dos commodos será feita a cal, havendo; porém, uma faixa de 1,50 acima do soalho, a qual será pintada a oleo. As cores dessa pintura nas paredes deverão ser claras e de preferência: amarello palha, verde alfazê, azul celeste, roseo desmaiado, etc. A pintura exterior do prédio e dos muros que formam os recreios e pátios será á calçapão firme e de cores suaves.

O serviço sanitario dos grupos escolares compor-se-á de reservadas em numero de uma pelo menos para cada classe, havendo mais uma para a secção feminina, mictorios na secção masculina e duas lavabos de ferro longado, collocados nos alpendres.

Os galpões devem ser cobertos com telhas, com forro de taboas e ter o chão ladrilhado ou cimentado sem asperezas.

Orçamento da despesa a fazer-se com a construção de um prédio para grupo escolar de 4 classes

Excavações para fundações.....	133m³,803	\$500	66\$901
Alvenaria das fundações e embasamento, com pedra e argamassa de uma parte de cal para tres de areia	170m³,361	16\$000	2.725\$776
Alvenaria das paredes, com tijolo e argamassa de uma parte de cal e tres de areia.....	175m³,850	17\$000	2.985\$450
Emboço e reboco, com argamassa de uma parte de cal para duas de areia	1.453m³,20	1\$000	1.453\$000
Calçapão de cor.....	1.453m³,20	\$150	217\$980
Soalho.....	236m²,60	6\$000	1.418\$700
Ferro.....	314m²,60	4\$500	1.418\$700
Alça para o forro e rodapés para o soalho.....	382m	\$800	305\$600
Telhado com madeiramento completo e telhas encaixadas.....	420m²,38	8\$000	3.363\$040
Pintura a oleo nos forros, portas, janellas, coberta, columnas e varanda do alpendre.....	499m²,60	\$900	449\$640
Portas de almoftadas das entradas...	2	80\$000	160\$000
Portas de par e de calha.....	7	60\$000	420\$000
Portas pequenas para as latrinas....	6	20\$000	120\$000
Janellas de par na frente.....	8	80\$000	640\$000
Janellas de caixilhos de correr.....	11	65\$000	715\$000
Alpendre: coberta de zinco, chão cimentado, baldrame de tijolo e varanda.....	100m²,60	9\$000	900\$000
Fachada com argamassa de cimento	—	—	800\$000
Calha e conductor.....	—	—	450\$000
Andaime.....	—	—	100\$000
Serviço sanitario.....	—	—	1.200\$000
Bandeiras ou claros O, tendo 1m,40 de largura para 0m,80 de altura.....	8	10\$000	80\$000
Somma.....	—	—	20.351\$687

ANEXO F - Listagem de nomes de alunos do Grupo Escolar de Uberaba (1909/1917)

Alguns alunos identificados como estudantes do Grupo em 1909:

1. Vasco de Andrade/participou na inauguração. (GAZETA DE UBERABA, ed. 3668, 05/09/1909).
2. Aurora Costa;
3. Elvira Maria Vieira;
4. Bárbara Rodrigues Vilaça e
5. Annita Nince, alunas de Dona Bertholina, que falaram no dia da homenagem à João Pinheiro, dando seu nome à antiga Rua das Flores. (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1080, 18/11/1909).
6. Hermínia Batista Mendes (D. Fiúca – identificou-se como aluna de D. Bertholina – Entrevista – **Anexo G**)

Alunos concluintes – Turma de 1911:

1. Júlia Vieira Gonçalves
2. Adélia de Novaes
3. Amélia de Novaes
4. Acelyna de Novaes
5. Leovirgilia Martins Chaves
6. Maria Antônia
7. Carmem Machado
8. Theodomira Chaves
9. Maria Bernardes
10. Jesuína Bernardes
11. Antônia Riccioppo
12. Laudemira Alves de Almeida
13. Ida Louzada
14. Olinda de Oliveira Valle
15. Anna França de A. Nince
16. Sebastiana Guimarães
17. Jaime Medina Coeli

Fonte: LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1288, 21/12/1911, p. 2

Alunos concluintes – Turma de 1912:

1. Maria do Carmo Chaves
2. Maria Abbadia da Rocha
3. Maria do Carmo de Moura
4. Margarida Riccioppo
5. Antônio Bento de Souza
6. José Rezende
7. Vicente Colantoni
8. José Maximo de Campos
9. José Tiradentes Filho
10. José Ribeiro Pereira
11. Orlando Rodrigues Medeiros
12. Alcides Horbylon
13. Edesio Horbylon
14. José Antônio Ribeiro
15. Benedito Nusdorfer

Fonte: LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1392, 19/12/1912

Alunos que participaram da festa de 21 de abril de 1912:

Vicente Colantoni – Raphael Anconi – Orlando Rodrigues Medeiros – Nestor de Novaes – Alfredo Fernandes – Cândida Cunha Campos – Floriscena Cunha Campos – Olga Borelli – Adagmar Gomide – Nair Penna – Lalina Ribeiro – Elza de Novaes França.

Fonte: LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1324, 25/04/1912

Alunos que participaram da festa de Sete de Setembro de 1913:

Noemia Ferreira de Oliveira – Andreлина Rodrigues Gomes – Cândida Cunha Campos – Servia de Oliveira – Alzira Mizziara – Guaraciaba Machado – Edith de Oliveira – Edma Borelli – Elpidio Gomes – Domingos de Carvalho – Andreino Martins Nogueira – Dahyl Navarro – Elsa de Mello Brandão – Jose Tiradentes de Lima – Antensina Santana Nair Gonçalves – Zenaide de Oliveira.

Fonte: LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1473, 31/08/1913

Alunos concluintes – Turma de 1913:

1. Anna de Souza Garcia
2. Olga Borelli
3. Elza de Lourdes de N. França
4. Floriscena Cunha Campos
5. Alvina da Fonseca
6. Maria da Conceição Garcia
7. Amélia da Cruz
8. Claricinda Ribeiro
9. Zenaide de Oliveira
10. Hermantina Ramos
11. Eurídice Ferreira da Conceição
12. Lucy de Novaes França
13. Maria José Brasil
14. Horacina França
15. Maria Nery de Oliveira
16. Maria Ribeiro da Conceição
17. Miquelina Ponticelli
18. Noemia Ferreira de Oliveira
19. Maria Amélia Fernandes

20. Maria Leonor Fernandes
21. Maria Iolanda Pontes
22. Emilia Luz
23. Dalva Luz
24. Maria José dos Santos
25. Sebastião Medina Coeli (orador)
26. Castorino de Almeida
27. José Tiradentes de Lima
28. Eurico Ferreira Martins
29. Mario Primitivo de S. Garcia
30. Alfredo Fernandes
31. José Correa de Paiva
32. Joaquim Benedito da Silva
33. Napoleão de Castro
34. Ildefonso Pinto da Fonseca.

Fonte: APM. SI. 3448. *Ata da sessão solenne de entrega dos certificados aos concluintes*, 14/12/1913.

Alunos concluintes – Turma de 1914: 1. Antonio Correa de Paiva 2. Andrelino Martins Nogueira 3. Dirceu Ferreira da Silva 4. João Rodrigues de Souza 5. Pedro Bernardes 6. João Benedito da Silva 7. Luiz Augusto Tiradentes 8. Djalma Tiradentes 9. Antonio Brasil 10. Amadeu Paschoalini 11. Laerte Vieira Gonçalves 12. Joaquim Candido 13. Ernesto Plastino	14. Adorcinda de Mello 15. Elinda de Faria 16. Violeta Fleury 17. Chrystolina de Lourdes Vaz de Mello 18. Anna Garcia 19. Elsa de Mello Brandão 20. Auristella Bernardes 21. Isaura Bellas 22. Almerinda Diniz 23. Djanira Fleury Machado 24. Cecília Eleonor Peppe 25. Olga de Castro 26. Maria Felisberta Guimarães 27. Rosalida Ramos 28. Maria de Lima Silveira. Fonte: LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1678,23/12/1914, p. 1-.
--	--

Alunos concluintes de 1915: 1. Antonieta Finamori 2. Carmem Montes 3. Milena Maggiotti 4. Ida Maggiotti 5. Lydroneta Maria de Jesus 6. Etelvina da Fonseca 7. Philomena Ponticelli 8. Maria Rosa Fernandes 9. Dalila de Souza França 10. Irasy França 11. Maria de Lourdes França 12. Maria Ribeiro de Moraes 13. Natalia Nusdorfer 14. Althair de Carvalho 15. Rolandina Ribeira	16. Elza Louzada 17. Carolina Messias de Mello 18. Antonieta Raffaelli 19. Maria Umbelina dos Santos 20. Maria de Lourdes Tiradentes 21. Durvalina Orcilia 22. Maria Rosa Arruda 23. Camilla França 24. Chrysothemés Nusdorfer 25. Ignácio Ferreira de Oliveira 26. Gerson Bernardes Ferreira 27. Ignácio Jacob Ferreira de Oliveira 28. José de Moraes 29. Francisco Bernardes Ferreira 30. José Bernardes de Castro 31. Godofredo Bernardes dos Santos. Fonte: APM. SI. 3619. Relatório do movimento do GEU, 1915
---	--

Alunos concluintes de 1916:

OBS. 01: 28 alunos concluíram, (22 alunas e 06 alunos, mas não há relação dos nomes).

Fonte: LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1931, 07/12/1916, p. 2.

OBS. 02:

- Bolívar Chrysostomo de Castro (era aluno do 4º ano e foi premiado pelo prof. João Augusto Chaves em abril).

Fonte: LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1895, 03/08/1916, p. 2

Alunos concluintes de 1917:

1. Osmundo Ramos
2. Adalberto Fontoura Rosa
3. Euphranor Ferreira Martins
4. Agostinho Annanias de Souza
5. Adhemar Tiradentes
6. Nilo Vieira de Moraes
7. Annita Pucci
8. Marciana Nunes Costa
9. Amélia Martins Prudente
10. Lydia Pinto de Carvalho

11. Grazia Ponticelli
12. Maria de Andrade Finholdt
13. Lazara de Macedo
14. Francisca Borges de Mello
15. Maria Luiza Imperia
16. Iracema Leite
17. Elisa de Andrade
18. Adelina Cicci
19. Aurora Durão.

Fonte: LAVOURA E COMMERCIO,
ed. 2035, 06/12/1917

ANEXO G – Entrevista 01.

ENTREVISTA COM DONA FIÚCA (Transcrição)

(Ex-aluna e ex-professora do GEU)

Data: 07/12/2006.

Hora: a partir das 10 horas.

Local: residência da entrevistada, à rua Segismundo Mendes, esquina com Leopoldino de Oliveira, centro da cidade. (Por isso registraram-se muitos ruídos ao fundo; de sirenes, trânsito, música em carros de som).

Rosângela: Dona Fiúca, qual é o nome completo da senhora?

D. Fiúca: Hermínia Batista Mendes.

R. – Quando a Senhora nasceu?

F. – 03 de julho de 1901.

R. – Com quantos anos, mais ou menos, a senhora entrou na escola?

F. – Ah, eu podia ter uns oito anos, oito, nove anos... Escola da dona Neném... Primeira escola que eu fui... Era na rua... hoje é Vigário Silva... Era Rua Grande.

R. – Quando a senhora... (interrompi, pois ela continuou complementando a informação anterior).

F. – Era tão longe... Ela passou para a Rua do Boi, hoje é rua... Como é que chama? (perguntou a si mesma). - Esqueci o nome da rua hoje (a Rua dos Bois, a qual ela se refere é hoje Rua Afonso Rato, e continuou): - É daqui até o Ginásio (diz para dar uma noção da distância, se referindo ao atual Colégio Diocesano, antigamente Ginásio Diocesano, e acrescentou): - Ia a pé.

R. – E a senhora morava longe?

F. – Morava na Rua Grande, Vigário Silva.

R. – E tinha muito córrego para atravessar, não tinha?

F. – Em muitos lugares.

R. – É, porque eu já li que, antigamente... (interrompi para que ela continuasse).

F. – Eu ia direitinho.

R. – É ... Nesse período, que a senhora era criança, os córregos eram todos abertos e não tinha ponte!?

F. – Aqui, quando eu fiz a casa, (ela já me relatou em conversas anteriores que foi em 1935) era córrego aberto ainda, os meninos brincavam aí.

R. – Centro da cidade, e a criançada brincando... Mas a senhora também estudou no Grupo Escolar, quando bem pequena, né?

F. – Mas, um mês no máximo...

R. – Poucos meses? (Questionei, pois em conversas anteriores ela já me disse ser dois meses)

F. – Eu queria ir para o Grupo por causa do uniforme, né...

R. – Ah,... A senhora gostava do uniforme?

F. – Gostava do uniforme... Aí fiquei... E mamãe me tirou logo, e me pôs no Colégio Nossa Senhora das Dores.

R. – E a senhora lembra como era o uniforme?

F. – Não. Me lembro que era muito bonito. Mas, não me lembro mais não.

R. – Não lembra se era *sainha*, blusinha, essas coisas assim... ?

F. – É...

R. - É, então, a senhora estudou pouco tempo no Grupo, a senhora lembra qual era a professora da senhora?

F. - Dona Bertholina.

R. - Dona Bertholina.(repeti). - É... Mas a senhora me falou que lembra pouca coisa desse tempo. Mas tem uma coisa que a senhora lembra... Quando chegava na aula, fazia o que, todo dia?

F. - (sussurrou brevemente): ress... (mas depois pronunciou firme): - Cantava.

R. - Cantava o quê?

F. - O Hino Nacional e Hino à Bandeira.

R. - Hino à Bandeira. (repeti, e ela continuou):

F. - Isso eu não esqueci.

R. - E a senhora falou também que tinha uma posição, com a mão, onde é que se punha a mão?

F. - Mão no coração, pra cantar.

R. - Mão no coração. (repeti). - E todo mundo bem em silêncio...? (Praticamente junto com a última palavra que pronunciei, ela disse):

F. - Bem direitinho.

R. - Era cantado em fila?

F. - Não.

R. - Não?

F. - Todos os meninos, na aula, na sua classe e cantando...

R. - Ah... Na classe. É... Aí, dona Hermínia, vamos falar um pouquinho do prosseguimento dos estudos da senhora... Depois que a senhora... estudou com a dona Neném, que a senhora estudou no Grupo com a dona Bertholina... Onde é que a Sra. deu prosseguimento aos estudos da senhora?

F. - Pra term..., (não completou e se corrigiu). - Pra começar eu fiquei um pouco no Nossa Senhora das Dores. Mas, pouco... Aí, minha tia me levou pra Sacramento; Colégio Nossa Senhora, interno, Imaculada Conceição.(corrigiu-se): Não. Sagrado Coração. Pra gente ir lá, ia de trem. Estrada de Ferro... Chegava na estação, não tinha condução. Ia de carro de boi pra cidade.

R. - Carro de boi?

F. - Carro de boi. Aí eu estudei novecentos e onze, doze, treze e quatorze. (pausa e depois repetiu, como que pensando alto, fazendo contas, buscando na memória): - Não. Onze, doze... Onze, doze e treze. (frisou): - Treze. Não. Onze, doze e treze... Aí queimou o colégio. As irmãs foram pra Jardinópolis, eu fui junto... e fiquei lá até 915. (repetiu): - Hum mil novecentos e quinze. Hum mil novecentos e dezesseis fui pra Campanha. Terminei os estudos primários e fui pra Campanha.

R. - Mas em Campanha a senhora foi fazer que curso? Não era mais o primário?

F. - Normal.

R. - Curso Normal (repeti). - Aí a senhora formou no curso normal?

F. - Formei.

R. - Aí, quando a senhora formou no curso normal, o que é que a senhora foi fazer, ficou à-toa ou foi trabalhar?

F. - Não. Formei no normal, (pausa). - Como é que é? Fiquei noiva né?... Eu trabalhava no grupo... Aí quando eu trabalhava no grupo...

R. - (interrompi): - Não. Antes da senhora trabalhar no grupo, quando a senhora formou no normal, a senhora já me contou que foi trabalhar na...

F. - Na fazenda.

R. - Na fazenda (repeti).

F. - Cinco alunos.

R. - Cinco alunos (repeti e perguntei): - A senhora gostava de dar aula?

F. - Gostava demais... Brincava com eles, era mesmo que gente minha...

R. – E depois desse trabalho na fazenda?

F. – Arranjei um lugar no grupo, que eu não queria né?... Eu queria ficar na fazenda. Aí, meu noivo...(não concluiu e informou): - Fiquei noiva. (e repetiu): - Fiquei noiva, meu pedido de casamento foi por carta. Ele escreveu assim: “Seu Balduino, desde hoje me considera como filho”... Foi meu pedido de casamento, foi esse.

R. – É? A senhora não ficou namorando, com ele assim, antes de casar, não?

F. – Foi... Mas, o pedido de casamento...

R. – Ah! Sim o pedido...

F. – Foi esse... Depois é que ele levou a aliança né?

R. – Ah.... tá!

F. – Aí ficamos noivos.

R. – Então, quer dizer que quem ficou sabendo do noivado primeiro... é ... foi o pai da senhora? Ele pediu a senhora pro pai da senhora?

F. – Papai perguntou, falei: Quero!

R. – Aham!

F. – Aí ficamos noivos, né. Aí ele queria que marcasse o casamento. E eu fiquei... Eu tinha comprado um lote de linho, quem estava pagando era eu. O papai tinha os negócios, mas não dava pra ir saldar né... Eu que pagava meu lote de linho. Ele (se refere ao noivo) vinha pra... (falar no assunto do casamento e ela dava uma desculpa): - Tem isso assim, assim... (curta pausa e continua) passava aquela dificuldade, e agora? Arrumava outra coisa. E foram três ou quatro vezes. Ele desconfiou. Aí foi pra minha irmã mais velha e falou com ela: “A Fiúca não quer casar, porque ela não marca!” Aí ela foi e contou a verdade. Ele foi imediato na casa onde eu comprei o linho e pagou...

R. – Ah!

F. – Levou os recibos pra mim...

R. – E a senhora pagava com o dinheiro que a senhora ganhava no grupo?

F. – Ganhava no grupo. Aí ele foi e mostrou os recibos, eu comecei a chorar. Ele disse: “Uai que é que houve?” Eu falei: nada. Eu fiquei feliz né.

R. – Aham!

F. – “Agora você marca?” Marco. Vinte e dois de maio de hum mil novecentos ... (curta pausa) e vinte e sete.

R. – Vinte e dois de maio de maio de 1927, a senhora casou? Mas, aí falando no dinheiro, a senhora disse que estava pagando os linhos, o enxoval né?

F. – O enxoval...

R. – Com o dinheiro que a senhora ganhava no grupo?

F. – É sim... é ... no grupo.

R. – Mas a senhora ganhava bem ou mal? A senhora acha...

F. – Cento e cinquenta...

R. – Cento e cinquenta? (mil réis era o salário de professor normalista).

F. – Achava que era bom, mas não era muito não né?

R. – É...

F. – Foi caro. Eu comprei o lote por hum conto e duzentos.

R. – Humm...

F. – Era muito né?

R. – É... Hum conto e duzentos pra pagar de ... (ia fazer a relação do salário com o valor da compra, mas ela continuou suas lembranças repetindo algo já falado).

F. – Ele me tirou do grupo, quando ficou noivo também, me tirou do grupo...

R. – Por que, que ele tirou?

F. – (Em tom de brincadeira, meio sorrindo): - Ciúme dos meninos. (Risos) Porque eles iam me levar pro grupo, todo dia, e buscar, né.

R. – Ah! Aí (ele) não queria que a senhora trabalhasse mais...

F. – Não.

R. - Agora, quando a senhora dava aula no grupo, é... a senhora já me contou, também, que todo dia, antes de começar a aula, fazia a mesma coisa. Como é que era esse ritual, todos os dias antes da aula começar?

F. - Todo dia a mesma coisa...

R. - A mesma coisa como?

F. - Cantava né.

R. - Ah ... cantava!?

F. - Cantava.

R. - Os hinos...?

F. - Nacional e da Bandeira...

R. - E na classe, ou fora da classe?

F. - Na classe.

R. - Na classe (repeti). Todo mundo de viva voz?

F. - Todo mundo de viva voz.

R. - É... E, como é, que era dentro da sala, os alunos sentavam de dois em dois?

F. - Cada carteira tinha dois.

R. - Cada carteira tinha dois (repeti).

F. - Meus meninos eram bons demais, mas quando eles estavam fazendo arte... Eu não falava nada né. Eu cruzava os braços e ficava olhando. Eles levavam aquele susto... Não sabiam o que (é) que era. Eu (falava): é recreio, continua... Nem um pio.

R. - Aí eles...?

F. - Aí continuava a aula...

R. - desconfiavam e silenciavam.

F. - Eu gostava demais dos meus alunos. Mesmo que filho. Tinha loucura pelos meus meninos. Teve um dia que eles estavam fazendo algazarra, rindo, brincando, com um papel na mão... Eu falei: quero ver esse papel! Aí veio um, chamado Pina: "Dona Fiúca, não olha não!" Também ele me deu o papel, eu rasguei e dessa vez não olhei. Devia ser coisa grossa, né.

R. - É... Devia ser arte. Quantos alunos, a senhora disse, que tinha mesmo, na classe?

F. - A primeira vez que eu lecionei tinha quarenta alunos.

R. - E a senhora dava ... é... lecionava... pra que ano?

F. - Quarto ano

R. - Quarto ano?

F. - Depois comecei pro primeiro, né. No outro ano, eu fui pro primeiro ano.

R. - Humm...

F. - Depois fui até o quarto, mas o quarto eu não dei conta, por que casei.

R. - Casou. E, quer dizer que a senhora lecionava pra classe de menino? Porque era só menino ou só menina... (nas classes dessa época, geralmente).

F. - Só menino.

R. - Só menino (repeti). É... Bem, a senhora já falou porque saiu... E, a senhora trabalhou só em dois lugares como professora, durante a vida da senhora?

F. - Eu casei em vinte e sete, né. Deixa eu ver (pausa). Eu não me lembro bem... Logo que fiquei noiva ele me tirou. (pausa).

R. - É.

F. - Não me lembro bem...

R. - É. A senhora só trabalhou em dois lugares, que foi na fazenda e no grupo.

F. - Cinco meses na fazenda. Depois no grupo, não demorei muito não, né.

R. - É. No grupo...

F. - Quatro anos. Eu gostava demais.

R. - Gostava muito?

F. - Gostava.

R. - No começo a senhora não queria, mas depois a senhora...

F. – Depois eu peguei os alunos, fiquei gostando dos alunos, né. Tinha então um pequeno, que era uma gracinha...

R. – E...?

F. – Eles eram muito educados, muito bons, né. Todo dia iam me levar e trazer.

R. – Esse Pina, que a senhora falou, ainda é vivo?

F. – Nunca mais soube notícia dele.

R. – Ah! Não é aqui... (ia dizer que ele morava), a senhora não sabe de onde é ele?

F. – Tinha o Sherlock, o Quinha... O Quinha morreu.

R. – É... Agora, a senhora me fala um pouquinho dos colegas da senhora, de profissão, as professoras, os colegas da senhora.

F. – Eu lembro bem a Corina, a dona Bertholina, a dona Alcina, a Inhá, ... Qual a outra gente? (Repetiu como para si): A Inhá...(pausa). “Seu” Fernando era o diretor, mas não lecionava...

R. – Fernando Vaz de Melo?

F. – É.

R. – A dona Alcina a senhora me falou dela, que ela...

F. – Quem é? (perguntou, pois parece não ter ouvido bem o que eu disse)

R. – A dona Alcina. A senhora me contou, um caso dela, que ela era muito....?

F. – Vaidosa.

R. – Vaidosa (repeti).

F. – Então você vai por aí? (me questionou, apontando o gravador).

R. – (Meio indecisa): Não...Então...É. Nós estamos conversando, não estamos falando mal, né?

F. – É. Contei o caso do “Seu” Fernando? Das minhas provas, né?

R. – É. A senhora já me contou o caso dele. Que a senhora deu uma prova...

F. – E ele botou, NULA, no quadro. Eu levei aquele susto, falei com ele, e ele falou, que é porque eu rasguei o papel. Não fui eu, foi a Corina. A Corina passou a limpo, porque estava o papel sujo. Passou a limpo (frisou bem). A Corina, não ia enganar ninguém, né?

R. – Aham!

F. – *E por essa, eu fui e enganei.* (Parece ser isto que ela disse, mas a dicção não ficou bem clara na gravação, sendo a frase seguinte): - E “seu” Fernando: “eu não sou de...” Ele foi e falou assim: “Eu não sou homem de enganar não, viu? (Achando que) eu dei coisa errada pra ele. Aí, fui lá no Alceu Novaes, que era o diretor... (corrigiu-se) inspetor, e falei: houve isso, isso e isso, eu queria que o senhor me desse ordem para fazer novo exame. Ele deu ordem. A nota dobrou tudo. Eu cheguei na cara dele (referindo-se ao diretor sr. Fernando): Olha aqui seu (também aqui não consegui compreender o termo dito), se eu estou enganando?

R. – E aí ele teve que concordar com a senhora?

F. – Concordou uai!

R. – Então, dona Fiúca, muito obrigada!

F. – De nada!

R. – Nós vamos parando por aqui. Se tiver mais alguma coisinha... Eu vou ouvir o que (é) que nós falamos, e se tiver mais alguma coisinha que eu queira perguntar, eu pergunto em seguida. Muito obrigada à senhora!

F. – De nada!

(Desliguei o gravador, mas continuamos a conversar, foi então que ela disse algo que eu não podia deixar de registrar, por isso liguei o aparelho e disse):

R. – Aí pode falar. O que é que a senhora estava me dizendo?

F. – Que eu tenho saudade do grupo, não é? Até hoje. Minha primeira aula mesmo, que eu dei, foi lá, né.

R. – Sei.

F. – Aquele monte de aluno, cada qual melhor. Tinha aluno até grande, já moço, já de idade. Devia ter uns quatorze, doze, treze anos.

R. – Tudo na mesma sala?

F. – Tudo na mesma sala, né. Tinha um pretinho, muito amigo. O que eu tinha mais luxo era o Sherlock, que era um pequenininho, ele e o Quinha.

R. – Era uma gracinha os alunos da senhora?

F. – Cada qual melhor...

R. – Cada qual melhor que o outro?

F. – Nunca precisei brigar com eles.

R. – A senhora se deu muito bem com os alunos?

F. – Muito bem. Muito bem com os alunos.

R. – E a disciplina deles era boa, tirando alguma conversa...?

F. – Era. Ah, eu cruzava os braços e acabava (a conversa) né.

R. – Aham!

F. – Nunca gritei, nunca xinguei os alunos.

R. – Aham! E, a senhora lecionava muitas matérias, assim, tinha um tempinho para cada uma? A senhora lembra isso, como é que era?

F. – Isso eu não me lembro, acho que era um tempo para cada uma...

R. – E tudo por conta da senhora?

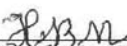
(silêncio)

R. – Muito obrigada!

Autorização.

Autorizo a entrevistadora, Rosângela M. C. Guimarães, a utilizar, em seu trabalho, as informações contidas nessa entrevista.

Uberaba, 29/01/2007


Hermantina Batista Machado

OBS: 1) Esta última página da entrevista foi escaneada, para constar assinatura autorizando o uso das informações.

2) O nome da entrevistada foi digitado incorretamente acima (sob a rubrica). O correto é: Hermínia Batista Mendes, conforme se pode comprovar no início do próprio texto dessa entrevista.

ENTREVISTA COM DONA MAGDA de NOVAES MAGALHÃES BORGES

(Introdução): Hoje é dia 08 de Janeiro de 2007, eu estou na residência da Sra. Magda, que é filha de ex-aluno do gru... (corrigi): ex-aluna do Grupo Escolar de Uberaba. É... Conversarei com dona Magda a respeito, de alguns outros ex-alunos e de sua própria mãe.

Rosângela – Dona Magda, qual é o nome completo da senhora?

Magda – Magda de Novaes Magalhães Borges.

R. – Quando a senhora nasceu?

M. – Vinte e quatro de outubro de trinta e três.

R. – Qual é o nome da senhora sua mãe?

M. – Acylina Novaes Magalhães.

R. – De quem dona Acylina, sua mãe, era filha? Ou seja, quem era o seu avô, diga o nome completo dele e o que ele fazia, quanto a trabalho, ocupação.

M. – É Elviro de Novaes, ele era guarda-livros da ...da Fábrica de Tecidos.

R. – Em 1911, a Sra. sua mãe, dona Acylina, concluiu o primário no grupo escolar. O que a Sra. poderia me dizer a respeito da vida dela, quanto aos estudos, ao trabalho, enfim, a atuação social dessa senhora?

M. – Bom, por muito tempo elas (refere-se à mãe e as tias, Amélia, e Adélia, que também concluíram o primário no grupo no mesmo ano) eram todas musicistas. A mamãe tocava bandolim e a tia Amélia é... bandolim também, e, a tia Adélia, tocava violino. Então elas formavam um grupo que ficavam lá na minha casa, é na casa de todos, né? Todos juntos formavam uma orquestra; então, o povo ficava lá escutando, porque, pra dançar naquela época não usava. Só pra ouvir. Então era uma beleza! Foi uma casa muito feliz! Muito alegre! Eu choro quando eu lembro dela. (Dona Magda foi tomada pela emoção, trazida pelas lembranças. Desliguei o gravador por alguns instantes, voltando a ligar quando a percebi refeita emocionalmente).

R. – Bem, quer dizer que era uma casa muito feliz, muito alegre... Mas, a Sra. disse que em um 1º momento, elas... a família toda, se dedicava à música, e depois, que atividades que a dona Acylina passou a fazer na vida?

M. – A mamãe, depois de muitos anos, é que ela começou a ser doceira. Esses docinhos finos. E... Agora, a tia Amélia, e a tia Adélia era bordadeira.

R. – As duas?

M. – Não. A outra, a outra era costureira.

R. – Ah...

M. – Nossa. Só pra nós. Foi isso aí... E a tia Adélia, bordou até morrer. E essa que morreu, é filha dela, bordou a vida inteira, também. (Quando diz: *essa que morreu*, se referia a uma prima, que falecera no final de semana próximo passado, fato que estava contribuindo para acentuar sua emotividade, ao falar dos familiares).

R. – Sei. Pois é, então quer dizer que todas desenvolveram um lado, vamos dizer assim, artístico, manual?

M. – É verdade.

R. – Não é? Porque a mãe da Sra. fazendo doce... Ela fazia doces para festas ou só pra família?

M. – Tudo encomendado... Tinha um mundo de serviço. Ela fazia doce para a alta sociedade.

R. – e a tia da sra. que era bordadeira, era a ...?

M. – Adélia.

R. – Adélia. E ela casou-se?

M. – Casou.
R. – Constituiu família?
M. – É. Duas filhas.
R. – Sei. E o tio Nestor? (Pergunto sobre outro, ex-aluno do GEU).
M. – Irmão da mamãe.
R. – Irmão da mãe da Senhora ... Ele também se dedicou a quê?
M. – Ele trabalhou junto com o meu avô lá na Fábrica de Tecidos.
R. – Ah. Então ele foi funcionário da fábrica?
M. – Foi... Foi ...
R. – Nesse setor de escrituração?
M. – Isso! É.
R. – Certo!
M. - Ele trabalhava sempre naqueles livrão grandes, ainda tem letra dele até hoje.
R. – Certo! Bem, é... Quer dizer então, que todos ocuparam, vamos dizer, um lugar na sociedade, desempenhando algum tipo de trabalho útil socialmente?
M. – Pois é. Quando elas eram todas mais novas, meu avô era... Meu avô é... É descendente de francês. Novaes...
R. – Ah!
M. - Fala: *nové*, sabe?
R. – Aham...
M. - Então meu avô era muito assim... Ele era capitão da Guarda Nacional. E era uma pessoa finíssima... E eles eram dez irmãos. O vovô era o mais velho: Elviro de Novaes. E quando elas estavam todas moças, ele levava pra passear. Iam todas pra Poços de Caldas. Todo ano, ele levava elas... Chegavam lá, tocavam música, e que era uma maravilha. Elas adoravam ir lá. Naquela época ainda ia de... A... a cavalo. Verdade!
R. – Difícil né?
M. – Difícil.
R. – Imagina... Fazer uma viagem de lazer...
M. - É ...
R. - A cavalo...
M. – É.
R. – Deveria demorar vários dias, até conseguir chegar. Chegava cansada!
M. – É. (risos). Chegava cansado!
R. – Dona Magda, agora já que a senhora falou dessa questão da descendência francesa, quer dizer que os Novaes, vieram como imigrantes?
M. – Não. O pai do meu avô, eu não conheci, né? Porque a mamãe casou já de meia idade. Naquela época, casava-se com 28 anos, 30. Mamãe casou nessa época. Teve o primeiro filho, perdeu. Passou cinco anos, teve mais um, perdeu. Passou mais um tanto de ... de anos teve o terceiro, perdeu. Eu fui a 4ª filha...
R. – Hum...
M. - Então já conheci eles, já meio de idade.
R. – Hum...
M. – Sabe? Mas são pessoas maravilhosas. Ô mais, a mamãe era um pessoa fina. Mamãe não sabia discutir com ninguém. Minha mãe e minhas tias, ninguém discutia. Era uma casa muito alegre mesmo! Sabe? Muito alegre! As pessoas é, ... tiveram estudo! E era uma família assim, que todo mundo conhecia.
R. – Hum... A senhora me falou até a respeito de algumas coisas, lá do Grupo Brasil, que ela estudava...
M. – Álgebra!
R. – Álgebra?
M. – Mamãe, ela, a mamãe falava assim: “No nosso tempo lá no grupo, nós estudávamos até álgebra”. Eu nem sei o que é (risos).

R. – Não, mais o importante...

M. – Formaram.

R. – Então. O importante, vamos dizer assim, (é) essa informação que a senhora está me dando. Está se referindo ao grupo, a alguma coisa que a mãe da senhora disse a respeito do grupo. Isso pra mim tem muito valor.

M. – É.

R. – Bem, dona Magda, a senhora gostaria de falar mais alguma coisa a respeito da mãe da senhora, com relação, ao jeito dela viver, aos pensamentos dela, alguma coisa assim, que a senhora... Que chamasse atenção na pessoa dela. Que a senhora... Que ficou, vamos dizer, registrado, pra senhora, a respeito dela?

M. – Ficou o nome dela. Um nome muito honrado. Todas elas. Todos conheciam a família Novaes. E a família Novaes é do Prata.

R. – É verdade!

M. – Então, meu avô é que veio pra cá. (Pra Uberaba). Os outros esparramaram-se. Tem o pai da Alzira (refere-se a uma prima, uma senhora da família Novaes, que localizei por telefone e com quem falei antes. E esta Dona Alzira, foi quem me revelou que dona Magda era filha de Acylina, a ex-aluna do grupo) que era o Franklin, (outro) era o Edmundo... O tio Edmundo, foi prefeito lá no Prata, na... No período da... Da ditadura.

R. – Hum...

M. – O tempo todo.

R. – Mas ditadura, que a senhora diz, é na época de Getúlio?

M. – Do Getúlio.

R. – Ditadura mais antiga?

M. – Meu tio foi muitos anos (prefeito). Tinha o tio Neném, tio Franklin. Eu acho que ele é o pai da Zil... Da Alzira. É. Só tinha uma mulher: a Lígia. E todos eram homens. Dez filhos.

R. – Agora, nos vamos falar a respeito de um outro lado da família da senhora, que é sobre o senhor, o senhor, Arnold Magalhães; que era professor do ensino técnico no grupo escolar de Uberaba, nessa mesma época, que a mãe da senhora dona Acylina estudou lá. Que é que a senhora poderia me dizer a respeito dele, do trabalho que ele fazia?

M. – Você não quer que eu fale da família?

R. – Pode falar da família primeiro.

M. – O pai do tio Arnold, foi o primeiro... Eles vieram de Portugal, ele tinha três anos – meu avô -, depois que ele foi ficando moço, ele foi professor, um bom professor. E a família toda trabalhava, em flores, é ..., e foi a primeira funerária de Uberaba. Era a Funerária Magalhães. Mas, não é essa de hoje, não.

R. – Certo.

M. – É a tem muitos anos, né? E foi a primeira funerária que teve em Uberaba. Então o meu avô, teve doze filhos. Seis homens e seis mulheres. Agora, o nome de todo mundo?

R. – Não. Não é preciso lembrar do nome não... A senhora falando um pouquinho mais do professor Arnold Magalhães. Da atividade, vamos dizer artística dele.

M. – Ele era pintor, caricaturista. A mão dele..., era..., um instantinho... (pela expressão, queria dizer que ele tinha a mão boa, rapidamente produzia um trabalho). Esse retrato que eu tenho, eu tinha cinco anos. E ele que pintou, e tá até hoje. Eu mudei a moldura, agora. Tá do mesmo jeito. Perfeito!

R. – Ele está exposto em algum local? (Perguntei apontando a área do apartamento).

M. – Tá no meu quarto.

R. – Então ele pintou a senhora criança?

M. – Criança.

R. – É, realmente. Eu já li é... a respei(to). Nas histórias sobre o grupo, que ele pintou um Tiradentes, que foi colocado no salão nobre do grupo.

M. – Vários... Vários.

R. – Então, ih, ele ensinava pintura aos alunos, ele ensinava marcenaria, carpintaria, ... é ..., serviço com... Naquela época, eles trabalhavam muito pondo alça em copo, quer dizer, trabalhando folha de flandres. Então ele era muito habilidoso..., gesso...

M. – Não era ele.

R. – Não?

M. – Era o sobrinho dele que mexia com gesso. Era o Divaldo. Filho... Divaldo, (repete, como para si mesma, tentando rememorar) será que é filho do tio Arnold? (E responde): É. Era o Divaldo. (Dizendo que esse não era sobrinho, mas filho de Arnold, e continuou). Eu chamo todos de tia,

R. – Aham...

M. - porque eles me acostumaram assim.

R. – Aham...

M. - Eu era muito menina, e eles já estavam todos grandes.

R. – É...

M. - Tinha a tia Olga, a tia Ordália. Todos filhos dele.

R. – Filhos?

M. – Do tio Arnold.

R. – Do Arnold.

M. – É.

R. - Então vamos dizer, mesmo que ele não fosse exímio gessista, mas no grupo tem alguns trabalhos, porque eu tenho fotografias das exposições. É, depois até talvez, eu pudesse trazer para a senhora. Não estão tão boas, porque elas foram tiradas do documento lá do Arquivo Público Mineiro. Mas tem ele, nas aulas ensinando para os alunos, e todo o material de exposição. Porque, eram feitas exposições enormes no final do ano,

M. – Então não era do meu tempo!

R. – com todo o trabalho. É, ... Era do tempo que a mãe da senhora era criança.

M. – É.

R. – Então, quer dizer, isso foi no início da vida profissional do professor Arnold aqui. Bem, é... Aí, falamos do Arnold, eu gostaria que a senhora falasse um pouquinho da dona Edith França, que foi professora no grupo e também é da família:

M. – É.

R. - Edith de Novaes França!

M. – Isso. Ela era dona do Colégio. Era o Jardim da Infância Menino Jesus. Então tinha três classes, lá. E a sala menorzinha, era Miosótis, a outra era Violeta e a gente saía com a Rosa. Então depois que a gente terminou os três anos, aí é que eu fui pro Colégio Nossa Senhora das Dores.

R. – Quer dizer, a senhora fez, é jardim de infância mesmo, atendendo as crianças pequenas?

M. – Não. Não. Aprendia a ler.

R. – Ah! Já ensinava a ler?

M. – Já ensinava.

R. – Não era só pra passar o tempo, com brincadeiras?

ANEXO H) – última página da entrevista de D. Magda N. M. Borges

M. – Ao contrário. Eram três cômodos: um atrás do outro, mas a gente aprendia muita coisa e escrevia também.
R. – Se não me engano ela era formada em farmácia. A senhora sabe a respeito disso?
M. – De quem?
R. – Da dona Edith França. Me parece que ela ...
M. – Não.
R. – Não?
M. – Eu não sei.
R. – Ah. Tá...
M. – Não sei te contar. (Obs. Esta fala foi perdida. Perda ocasionada por manuseio indevido do aparelho de gravação, durante o momento da transcrição).
R. – Porque a senhora conheceu ela como dona de uma escola de jardim de infância, primeiro jardim... (ia dizer da cidade, mas ela completou).
M. – Já de meia idade.
R. – Ah! Já mais velha.
M. – Todo mundo estudou, os filhos da dona Fiuca, nós éramos todos colegas.
R. – Esse jardim de infância, a senhora disse, se localizava perto do grupo?
M. – Não. É. Perto do grupo. Mas, é mais na lateral da Igreja São Domingos.
R. – Próximo. Mas vamos dizer assim, muito mais próximo da igreja do que propriamente do grupo.
M. – É, é.
R. – Bem dona Magda, depois de termos toda essa conversa, onde a senhora me informou a respeito de dona Acylina, de dona Adélia, Amélia e Nestor de Novaes; também a respeito de Arnold de Magalhães e Edith França, quero lhe agradecer a colaboração e, brevemente, trarei pra senhora a transcrição do que nós conversamos, pra que a senhora possa me conceder a autorização de uso de tudo isso que nos falamos. A senhora gostaria de falar mais alguma coisa?
M. – Eu que agradeço. Fiquei muito satisfeita, porque relembrar a família toda é muito bom pra mim. Porque eu adoro a minha família e minha família foi muito feliz e eu fui muito feliz...
R. – De ter nascido nessa família?
M. – Nessa família.
R. – Então, muito obrigada, mesmo!
M. – Obrigada a você!

Autorização.

Autorizo a entrevistadora, Rosângela M. C. Guimarães, a utilizar, em seu trabalho, as informações contidas nessa entrevista.

Uberaba, -- / -- / --

Magda de N. Magalhães Borges
Magda de Novaes Magalhães Borges

OBS.: Esta última página foi escaneada, para constar assinatura da entrevistada autorizando o uso das informações.

ANEXO I) – Depoimento fornecido, por escrito, pelo filho do ex-aluno Raphael Anconi, o Sr. Dídimo G. Anconi

Respostas às perguntas formuladas por Rosângela Maria Castro Guimarães a respeito de Raphael Anconi Sobrinho, já falecido nesta.

- 1) Meu nome é Dídimo Garibaldi Anconi
- 2) Nasci em 24, dezembro, 1926
- 3) Meus pais chamaram-se Raphael Anconi Sobrinho e Laura Nascimento Anconi
- 4) Meu pai, nascido em Passos (MG), no dia 10 agosto.1896, era filho de Vicente Anconi e Lindolfa Bretas, ambos oriundos da Itália, sendo o varão procedente da Calábria. Vicente tinha por irmã Christina Anconi, casada com o falecido Francisco Buzollo (Kiki). Vicente, se não me engano, tinha outra irmã de nome Calina, casada com Angelino Pavan, de Uberlândia, cuja filha, ou familiares, Cora Pavan pode dar maiores informações. Vicente, meu avô, tinha, ainda, por irmãos, Raphael e Gabriel, este ex-chefe da imprensa oficial do Estado de Goiás, na antiga capital de Goiás, contemporâneo de Cora Coralina, de cuja amizade desfrutou. Os Anconi tinham, também, estritas relações familiares com, além dos Bretas, Pavan e Buzollo, os Dorça, Villaça, Vitale, Rocha e outros. – Meu avô Vicente veio para o Brasil, na década de 1890, como técnico em atividades rurais, tendo ocupado cargo de direção da Fazenda Modelo, desta cidade, e, posteriormente foi indicado por Alair Prata, quando prefeito do Rio de Janeiro, para ocupar, como titular, o cartório de Paz e Notas de Conceição das Alagoas (MG), onde permaneceu de 1.923 até 1.941, quando faleceu.
- 5) Meu pai Raphael passou a sua infância em Passos (MG), onde nasceu e iniciou sua alfabetização. Em torno de 1.905, veio para Uberaba com seus pais, tendo aqui continuado seus estudos. Na juventude, estudou música a que se dedicou como flautista, de ébano, até mudar-se para Conceição das Alagoas a fim de trabalhar com seu pai no Cartório do Registro Civil e Notas. Em 1.924, já em Conceição, casou-se com minha mãe Laura, filha de Balbino Alves dos Nascimento, proprietário fazendeiro da fazenda Santo Inácio, daquele distrito, tendo ali residido até 1.929, quando retornou a Uberaba. Em novembro de 1.930 foi designado Inspetor Escolar pelo então prefeito desta cidade, Dr. Guilherme Ferreira, cargo em que permaneceu até abril de 1.931, quando foi designado, pelo mesmo prefeito, subsecretário da Prefeitura local – ou como se dizia Diretor da Secretaria, pasta que ocupou até fins de 1.939, quando retornou para Conceição das Alagoas, assumindo, ali, o cartório de seu pai, até o ano de 1.958, quando se aposentou e voltou a residir em Uberaba, onde exerceu as funções de Juiz de Paz, até falecer em

1.970. Cumpre lembrar que meu pai, na Prefeitura desta cidade, em virtude da oposição política que fez ao então prefeito interventor, Dr. Paulo Costa, foi demitido em 1.937, tendo retornado ao cargo em 1.938, após o afastamento do referido prefeito.

- 6) Quanto à carreira estudantil de meu pai pouco sei a respeito. Sei, apenas, que fez seus primeiros estudos em Passos e Uberaba. Quando jovem, gostava muito de música e parece ter prosseguido seus estudos com Alceu de Souza Novais e Hildebrando Pontes, que muito admirava. Meu pai foi, principalmente, um autodidata. Lia muito, o que lhe valeu os cargos que exerceu na prefeitura local, no juizado de paz e cartório. No cartório em Conceição das Alagoas exerceu suas funções de escrivão com honestidade e sabedoria. Era político ferrenho, um idealista que punha suas convicções acima de quaisquer conveniências.
- 7) As funções de trabalho que exerceu estão acima relacionadas, ou seja, inspetor escolar e diretor da secretaria municipal de Uberaba, e, em Conceição das Alagoas, escrivão de Paz e Notas. Quando aposentado, exerceu o cargo de Juiz de paz desta cidade de Uberaba.
- 8) Pouco ou quase nada sei de sua passagem pelo Grupo Escolar Brasil, a não ser referências a colegas de cujos nomes não me lembro.
- 9) Nada tenho de material quanto à vida de meu pai criança.
- 10) O traço marcante da personalidade de meu pai era a honestidade, a intransigência, a simplicidade, o idealismo e o desprendimento pelos bens materiais, não obstante o poder que teve em suas mãos. Na Prefeitura, mereceu inteira confiança dos prefeitos Dr. Guilherme Ferreira, Lauro Fontoura, Menelick de Carvalho e Whady Nassif.

Uberaba (MG), 7.fevereiro.2007.

[Assinatura]

ANEXO J - Mapeamento da composição anual do corpo docente do Grupo Escolar de Uberaba e respectivas classes – 1909 a 1918

CORPO DOCENTE DO GEU - ANO de 1909		
Nº	NOMES	CLASSES
01	Arlindo Costa	Obs. No documento utilizado como fonte, não constam informações sobre a distribuição das classes entre os professores. Registra-se apenas que, o grupo iniciou seu funcionamento com onze turmas: oito turmas de 1º ano (05 do sexo masculino e 03 do sexo feminino), duas de 2º ano (uma de cada sexo) e uma turma mista de 3º ano.
02	João Augusto Chaves	
03	Bertholina dos Santos	
04	Francisco de Mello Franco	
05	Alcina Maria Coutinho	
06	Maria Julieta Campos	
07	Maria Carmilieta Campos	
08	Marcilieta Campos	Prof. do Ensino Técnico
09	Arnold Magalhães	

Fonte: LAVOURA E COMMERCIO. Ed. 1068, 07/10/1909

CORPO DOCENTE DO GEU - ANO de 1910 – 1º semestre		
Nº	NOMES	CLASSES
01	Arlindo Costa	1º ano – sexo masculino
02	João Augusto Chaves	Idem
03	Bertholina dos Santos	Idem
04	Francisco de M. Franco/Fernando A. V. de Mello*	2º ano – sexo masculino
05	Alcina Maria Coutinho	1º ano – Sexo feminino
06	Maria Julieta Campos	Idem
07	Maria Carmilieta Campos	Idem
08	Marcilieta Campos	3º ano - sexo masculino
09	Arnold Magalhães	Prof. do Ensino Técnico
* No segundo semestre, entrou em agosto, o professor, Fernando Araújo Vaz de Mello, ocupando vaga surgida com a nomeação do professor, Francisco de Mello Franco, ao cargo de diretor da instituição.		

Fonte: APM. SI 3346. Relatórios dos inspetores técnicos da 34ª circunscrição, Antônio Louveira Gomes e Ernesto Santiago, datados respectivamente, 08/07 e 20/10/1910.

CORPO DOCENTE DO GEU - ANO DE 1911		
Nº	NOMES	CLASSES
01	Alcina Maria Coutinho*	1º ano - sexo masculino
02	Maria Julieta Campos*	Idem
03	Bertholina dos Santos*	Idem
04	João Augusto Chaves	2º ano – sexo masculino
05	Arlindo Costa	Idem
06	Fernando Araújo Vaz de Mello	3º ano - sexo masculino
07	Bertholina dos Santos	1º ano - sexo feminino
08	Maria Carmilieta Campos*	Idem
09	Maria Carmilieta Campos	Idem (2º semestre).
10	Maria Julieta Campos	2º ano – sexo feminino
11	Alcina Maria Coutinho	3º ano - sexo feminino
12	Marcilieta Campos	4º ano (turma mista)
13	Arnold Magalhães	Prof. do Ensino Técnico
* Eram oito professores regentes de classe, lecionando a 12 turmas. As 04 professoras que dobraram a função estão assinaladas.		

Fonte: APM. SI 2894. Relatório do Diretor do GEU ao Secretário do interior, 29/01/1911

CORPO DOCENTE DO GEU - ANO DE 1912		
Nº	NOMES	CLASSES
01	Beny des Genettes Roquette/ Maria Bernardes da Luz*	1º ano – sexo masculino
02	Fernando Araújo Vaz de Mello	Idem
03	Marcilieta Campos	1º ano – sexo feminino
04	Maria Julieta Campos	3º ano - sexo feminino
05	Arlindo Costa	3º ano - sexo masculino
06	João Augusto Chaves	2º ano – sexo masculino
07	Maria Carmilieta Campos	2º ano – sexo feminino
08	Bertholina dos Santos	4º ano – sexo masculino
09	Alcina Maria Coutinho	4º ano – sexo feminino
10	Arnold Magalhães	Prof. do Ensino Técnico
* No início das aulas foi nomeada como adjunta interina, por trinta dias, a normalista Hena da Costa Mattos (APM. SI. 3416. Ofício do diretor ao Secretário do Interior, 06/02/1912). Sendo a seguir a cadeira ocupada por D. Beny, professora removida da cidade de Araguari, nomeada como adjunta. (APM. SI. 3390. Relatório do inspetor Técnico Alberto da Costa Mattos, 15/04/1912). Essa professora deixou o cargo, passando esse a ser ocupado pela normalista Maria Bernardes da Luz, nomeada adjunta interina, removida de Villa Platina. (APM. SI 3416. Carta de Maria Bernardes da Luz, 20/04/1912).		

Fonte: APM. SI. 3390. Relatório do inspetor Técnico Alberto da Costa Mattos, 15/04/1912.

CORPO DOCENTE DO GEU - ANO DE 1913		
Nº	NOMES	CLASSES
01	Bertholina dos Santos	1º ano – sexo masculino
02	Corina de Oliveira*	Idem
03	Maria Bernardes da Luz	Idem
04	Alcina Maria Coutinho	1º ano – sexo feminino
05	Virgilia Moreira*	Idem
06	Fernando Araújo Vaz de Mello	2º ano – sexo masculino
07	Altiva de Oliveira/Leovirgilia Martins Chaves**	Idem
08	Marcilieta Campos	2º ano – sexo feminino
09	Noemia Ribeiro da Luz*	Idem
10	João Augusto Chaves	3º ano - sexo masculino
11	Maria Carmilieta Campos	3º ano - sexo feminino
12	Arlindo Costa/Edith Novaes França***	4º ano – sexo masculino
13	Maria Julieta Campos	4º ano – sexo feminino
14	Arnold Magalhães	Prof. do Ensino Técnico
*As professoras normalistas assinaladas, foram chamadas como adjuntas, interinas e, provisoriamente, por trinta dias, mas ficaram o ano todo. **Substituiu D. Altiva de Oliveira que exonerou-se, ao final do 1º semestre. ***Nomeada pelo Inspetor municipal, para substituir o Sr. Arlindo Costa, no mês de março.		

Fonte: APM. SI 3461. Relatório do movimento do GEU, no ano de 1913, 20/12/1913.

CORPO DOCENTE DO GEU - ANO DE 1914		
Nº	NOMES	CLASSES
01	Bertholina dos Santos	Obs. No Relatório utilizado como fonte, não consta informação sobre a distribuição das classes entre os professores. Registra-se apenas que funcionaram nesse ano treze turmas: seis masculinas de manhã, seis femininas à tarde, além de uma turma mista do 4º ano.
02	Corina de Oliveira	
03	Maria Bernardes da Luz	
04	Alcina Maria Coutinho	
05	Virgilia Moreira de Souza	
06	Fernando Araújo Vaz de Mello	
07	Leovirgilia Martins Chaves	
08	Marcilieta Campos	
09	Noemia Ribeiro da Luz	
10	João Augusto Chaves	
11	Maria Carmilieta Campos	
12	Edith Novaes França	
13	Maria Julieta Campos	
14	Arnold Magalhães	Prof. do Ensino Técnico

Fonte: APM. SI. 3527. Relatório do movimento do GEU no ano letivo de 1914.

CORPO DOCENTE DO GEU - ANO DE 1915		
Nº	NOMES	CLASSES/TURNOS
01	Maria Bernardes da Luz	1º ano A – Sexo masculino (Matutino)
02	Leovirgilia Martins Chaves	1º ano B " " "
03	Fernando Araújo Vaz de Mello	2º ano A " " "
04	João Augusto Chaves	3º ano A " " "
05	Alcina Maria Coutinho	3º ano B " " "
06	Bertholina dos Santos	4º ano - " " "
07	Corina de Oliveira	1º ano - " " (Vespertino)
08	Marcilieta Campos	1º ano A – Sexo feminino "
09	Noemia Ribeiro da Luz	1º ano B " " "
10	Edith Novaes França	2º ano A " " "
11	Maria Carmilieta Campos	2º ano B " " "
12	Virgilia Moreira de Souza	3º ano - " " "
13	Maria Julieta Campos	4º ano - " " "
14	Arnold Magalhães	Prof. do Ensino Técnico

Fonte: Relatório do Diretor do GEU ao Secretário do Interior, 1º/02/1915.

CORPO DOCENTE DO GEU - ANO DE 1916		
Nº	NOMES	CLASSES/TURNOS
01	Maria Julieta Campos	1º ano A – Sexo masculino (Matutino)
02	Leovirgilia Martins Chaves	1º ano B " " "
03	Maria Bernardes da Luz	2º ano A " " "
04	Corina de Oliveira	2º ano B " " "
05	Fernando Araújo Vaz de Mello	3º ano - " " "
06	João Augusto Chaves	4º ano - " " "
07	Bertholina dos Santos	1º ano A – Sexo feminino (Vespertino)
08	Virgilia Moreira de Souza	1º ano B " " "
09	Alcina Maria Coutinho	1º ano C " masculino "
10	Marcilieta Campos*	2º ano A – Sexo feminino "
11	Noemia Ribeiro da Luz	2º ano B " " "
12	Maria Carmilieta Campos	3º ano A " " "
13	Raymunda Cunha Campos	3º ano B " " "
14	Edith Novaes França	4º ano - " " "
15	Arnold Magalhães	Prof. do Ensino Técnico
* A professora D. Marcilieta Campos, foi autorizada pelo inspetor municipal a tirar licença de saúde por 30 dias, sendo substituída pela normalista Maria Glorieta Campos.		

Fonte:APM. SI. 3681. Relatório do movimento do GEU no ano letivo de 1916.

CORPO DOCENTE DO GEU - ANO DE 1917		
Nº	NOMES	CLASSES/TURNOS
01	Leovirgilia Martins Chaves	1º ano B - Sexo masculino (Matutino)
02	Maria Bernardes da Luz	2º ano A " " "
03	Corina de Oliveira	2º ano B " " "
04	Fernando Araújo Vaz de Mello	3º ano A " " "
05	João Augusto Chaves	3º ano B " " "
06	Maria Julieta Campos	4º ano - " " "
07	Alcina Maria Coutinho	1º ano A – " " (Vespertino)
08	Maria Carmilieta Campos	1º ano A – Sexo feminino "
09	Virgilia Moreira de Souza	1º ano B " " "
10	Bertholina dos Santos	2º ano A " " "
11	Raymunda Cunha Campos	2º ano B " " "
12	Marcilieta Campos	3º ano A " " "
13	Noemia Ribeiro da Luz/ Marcilieta Campos*	3º ano B " " "
14	Edith Novaes França	4º ano - " " "
15	Arnold Magalhães	Prof. do Ensino Técnico
* Obs. No início do ano, a professora Noemia R. da Luz, se encontrava ausente, ficando sua turma do 3º B feminino a cargo da professora do 3º A feminino, Marcilieta Campos.		

Fonte: APM. SI 3681. Relatório do início do ano letivo de 1917, 03/02/1917.

CORPO DOCENTE DO GEU - ANO DE 1918				
Nº	NOMES	CLASSES/TURNOS		
01	Maria Julieta Campos	1º ano A - Sexo masculino	(Matutino)	
02	Leovirgilia Martins Chaves	1º ano B	"	"
03	Fernando Araújo Vaz de Mello	2º ano A	"	"
04	Corina de Oliveira	2º ano B	"	"
05	Maria Bernardes da Luz	3º ano -	"	"
06	João Augusto Chaves/Olga de Oliveira*	4º ano -	"	"
07	Maria de Moura**	1º ano C -	"	(Vespertino)
08	Alcina Maria Coutinho	1º ano A – Sexo feminino	"	
09	Umbelina Terra	1º ano B	"	"
10	Maria Carmilieta Campos/Maria Glorietta Campos*	2º ano A/B***	"	"
11	Bertholina dos Santos	3º ano A	"	"
12	Noemia Ribeiro da Luz	3º ano B	"	"
13	Marcilieta Campos	4º ano -	"	"
14	Arnold Magalhães	Prof. do Ensino Técnico		
* Substitutas dos titulares que estavam de licença no mês de abril. ** Substituta da professora Edith N. França. *** Turmas que foram incorporadas com a exoneração da professora, Raymunda C. Campos.				

Fonte: APM. SI. 3798. Relatórios do Inspetor Técnico, Ernesto de Mello Brandão, de 16/03/1918, 17/04/1918 e 1ª quinzena de setembro de 1918.

ANEXO K - Traços biográficos de alguns professores do GEU

1) Professora Edith Novaes França - Era natural de Sacramento, Estado de Minas Gerais. [...]. Nasceu em 20/04/1894. Coursou o primeiro grau em sua terra natal, vindo para Uberaba, fez o curso secundário, [...], concluindo-o em 07/12/1908, recebendo seu diploma de normalista no Colégio Nossa Senhora das Dores. No Rio de Janeiro freqüentou a Faculdade de Medicina onde concluiu o curso de farmácia em 05/12/1911. Retornando a Uberaba, [trabalhou de 1913 a 1918, no Grupo Escolar, depois fundou sua própria escola] o “Jardim de Infância Menino Jesus”, o primeiro da cidade, trabalhando aí durante 28 anos. [Dedicou-se também à vida religiosa]. Pertenceu a Associação do Rosário, era Terceira Dominicana. Faleceu em 27/12/1958. (Arquivo da “E. E. Professora Edith França”, *Biografia e Histórico*).

2) Professora Olga de Oliveira - Nasceu em 21/11/1897 em Dores do Aterrado (hoje Ibiraci) MG. [...]. Era filha de Ernesto Emigdio de Oliveira e Maria Lucas de Oliveira. Coursou o ginasial e o normal no Colégio Sion de Campanha (MG) e fez cursos de especialização em francês no Colégio Sion de Petrópolis (RJ). Iniciou a carreira de magistério nesse último. Em Uberaba, foi professora primária no Grupo Escolar, lecionou francês, geografia geral e do Brasil, na Escola Normal Oficial de Uberaba de 1930 a 1967. Lecionou em outros estabelecimentos escolares da cidade e exerceu a função de direção no Colégio Triângulo Mineiro de 1953 a 1964. Em 1967, aos 70 anos, com mais de 45 dedicados ao magistério - dona Olga, como aquela personagem de Guimarães Rosa -, não faleceu, “encantou-se”. (Arquivo da Escola Municipal Professora Olga de Oliveira. *Curriculum Vitae*). Era irmã de Dona Corina de Oliveira. (Ver título de eleitor, no **Anexo L**).

3) Professor João Augusto Chaves - Nasceu em Russas/Ceará, em 1865, falecendo em Uberaba em 1946. [...] sua infância transcorreu em Aracati/CE e a mocidade em Passos/MG, onde um dos seus tios [...] era padre e ele o ajudava como coroinha e sacristão. Dirigiu-se posteriormente a Uberaba, onde chegou em outubro de 1889, estudando na Escola Normal, [...]. Iniciando sua carreira de magistério foi nomeado professor público municipal em Monte Alegre, na região do Triângulo, em 1893, [...]. Casou-se. [...] começou a se interessar pela doutrina espírita, em cuja militância, à semelhança do magistério, iria sobremaneira destacar-se nos anos seguintes em Uberaba, para onde mudou-se em 1904, [...]. [Dedicou-se primeiro a um pequeno negócio, depois fundou uma escola, ambos foram fechados, devido perseguições sofridas em decorrência de sua militância espírita]. Contudo, as acusações que lhe eram achacadas, foram rebatidas e até certo ponto neutralizadas pelos jornais *Lavoura e Comércio* e *Gazeta de Uberaba*, que cobriram o professor Chaves de elogios, não impediram sua nomeação como professor do Grupo Escolar, atual Escola Estadual Brasil, no qual lecionou até sua aposentadoria [...]. [Escreveu] o livro *Contos Infantis*, com estórias, segundo ele, “*capazes de dar uma idéia às crianças de alguns interessantes assuntos por elas ignorados*” e também ensaios e artigos publicados na *Revista do Ensino* de Belo Horizonte. Prosseguindo sua luta para difusão do espiritismo, fundou, em 1911, o Centro Espírita Uberabense, o primeiro aqui organizado, [...]. Durante vários anos o professor Chaves presidiu o centro, estando entre as diversas realizações de sua gestão a fundação do Sanatório Espírita, ideado em 1919 e inaugurado em 1933. O professor Chaves também militou na imprensa, [...]

(BILHARINHO, Guido. (2006). João Augusto Chaves: O educador da infância. In: *Jornal de Uberaba*. Uberaba MG: 10/12/2006).

ANEXO L) – Cópia do título eleitoral de D. Corina de Oliveira

N.º 4821 INSCRIÇÃO

269 ZONA

Uberaba - Minas MUNICÍPIO ou DISTRITO

Corina de Oliveira NOME

9-9-1892 DATA DO NASCIMENTO

Ilhaci - Minas NATURALIDADE

solteira ESTADO CIVIL

Ernesto Benedito de Oliveira e Maria Lucas de Oliveira FILIAÇÃO

Professora Rua Arthur Machado 81 - Centro RESIDÊNCIA

VOTA NA 1ª SEÇÃO X Corina de Oliveira ASSINATURA DO ELEITOR

EM 30-9-52 Luiz Brito de Vithena JUIZ ELEITORAL

T. S. E. - TÍTULO (2.ª PARTE) - MOD. B

Cancelado
falecimento
em
29-10-94

Fonte: Acervo particular de Sheila O. A. Rodrigues, supervisora da “E.E. Corina de Oliveira”, Uberaba (MG)

ANEXO M) – Recorte registrando a nota de falecimento de Francisco de M. Franco

FALECIMENTOS

Professor Francisco de Melo Franco

Faleceu em sua residência, à rua Antonio Aleixo, nº. 647, às 18 horas do dia 28 próximo passado, o prof. Francisco de Melo Franco.

O extinto, filho de tradicional família mineira, nasceu em Paracatu, a 29 de julho de 1880, sendo seus pais o sr. Getúlio de Melo Franco e d. Ana Josefina Ulhôa de Melo Franco. Desde cedo, distinguu-se pelo seu caráter, brilhante inteligência e amor às letras.

Sócio em diversas cidades mineiras como professor, inspetor de ensino e organizador de Escolas Normais Oficiais. Aposentou-se, depois de 32 anos de profícuo trabalho, como professor de Metodologia e Diretor da extinta Escola Normal Oficial de Campanha. Foi distinguido por diversas vezes pelo Governo para representar o Estado em congressos educacionais, em todos se projetando pelo seu longo tirocínio e grande cultura.

O professor Melo Franco era casado com d. Marcilieta de Melo Franco, que lhe sobrevive, e pai do dr. Sylvio de Melo Franco já falecido, e de Carmen Sylvia de Melo Franco Ferreira. São seus netos, Breno, Rogerio e Rodrigo Otávio de Melo Franco Ferreira.

Fonte: Acervo da EE Brasil (Nota publicada no Estado de Minas. Falecimento: 28/09/1959)

ANEXO N) – Recomendações do diretor, Francisco de M. Franco, ao professor do Ensino Técnico, Arnold Magalhães, sobre a condução das aulas técnicas

Cópia. a. Recomendações.

No preparo de peças de "Trabalho Manual", tanto para meninas como para meninos, devemos visar mais a utilidade dos artigos manufacturados.

Como que haja, da nossa parte, o máximo empenho em habilitar as crianças a trabalhar por si mesmas, afim de que, como é preciso, adquiram a confiança no esforço próprio e desenvolvam, salutarmente, as suas faculdades inventivas.

No curso técnico, que deve ser, de acordo com os intuitos do Governo, uma iniciação profissional a mais abrangente possível, as crianças precisam, desenvolvendo os seus talentos e habilidades, adquirir o hábito do trabalho manual e o amor ao mesmo trabalho.

Para realizar esse desiderato, o professor deve se esforçar por que as disciplinas tenham nas aulas, cada um de por si, a sua tarefa, de modo que a classe, quando em exercício, dê a impressão de uma pequena officina, onde todos trabalham.

Os trabalhos manuais devem obedecer a um plano, subordinado, com um punho de utilitarismo; ao principio didactico que aconselha a partir sempre do mais simples, para, progressivamente, chegar ao mais complexo.

No curso técnico os alumnos devem ver o resultado, por assim dizer,

palpavel dos seus labores, adquirindo por essa forma a confiança na propria capacidade de esforço despendido ou por despendido.

Directoria do Grupo Escolar de Moraba, 3 de março de 1913.

O director
Francisco de Melo Franco

a. Nota. — Com a prioritização dada nas recommendações que acabo de fazer, o ensino no curso tecnico deve ser ministrado de acordo com o programma dado pelo Governo, programma esse que é, aliás, bem claro e que foi fornecido ao professor por esta directoria.

Directoria do Grupo Escolar de Moraba, 3 de março de 1913.

O director
Francisco de Melo Franco

Fonte: APM. SI. 3448

